

O Processo de Incorporação de Conhecimentos na Psicologia Social da América Latina

Catarina Gewehr¹

Resumo

O artigo discute a incapacidade da psicologia latino-americana em trabalhar com os problemas apontados pela realidade latino-americana. Ele aponta que a produção teórica é cativa dos pensamentos europeu ou estadunidenses, sugerindo a necessidade de um processo de libertação dos sistemas de referência, dos modos de pensar e operar a realidade que escravizam as formas de manifestação do pensamento e impedem mudar a realidade e produzir uma História criativa, propositiva e fazedora de vida.

Palavras-chave: Psicologia Social. América Latina. Dependência.

El Proceso de Incorporación de Conocimientos en la Psicología Social Latinoamericana

Resumen

El texto discute la incapacidad de la psicología latinoamericana en trabajar los problemas apuntados por la realidad latinoamericana. Apunta que la teoría producida es cautiva del pensamiento europeo o estadounidense y sugiere la necesidad de un inmediato proceso de liberación de los sistemas de referenciales, de los modos de pensar y operar la realidad que esclavizan las formas de manifestar el pensamiento y impiden cambiar la realidad y de producir una Historia creativa, propositiva y hacedora de vida.

Palabras clave: Psicología Social. América Latina. Dependencia.

The process of knowledge incorporation in Latin America Social Psychology

Abstract

The article discusses Latin American psychology's incapacity in working with problems connected to Latin American reality. It indicates that the production of theories is captive of European and North-American thought, suggesting the need of an immediate process of liberation from the systems of reference, of ways of thinking and operating reality which slave the forms of thought manifestation and provide impediments for changing the reality and producing a creative, propositional and life making History.

Keywords: Social Psychology. Latin America. Dependency.

¹ Doutora em Psicologia Social (PUC/SP) e professora na Fundação Universitária Regional de Blumenau (FURB). Correio eletrônico: cgewehr@hotmail.com.

A condição de dependência constituiu-se, até os anos 1970 do século XX, como marca singular da Psicologia feita na América Latina, com destaque para a noção individualizante a partir da qual os comportamentos humanos eram considerados. Essa dependência produz um exercício da Psicologia profundamente marcado pela ausência de ousadia criativa, configurando práticas que se instituem à margem de uma reflexão crítica e propositiva acerca dos processos, métodos e resultados implicados a esta área específica do conhecimento. A necessária vinculação crítica da Psicologia com a realidade latino-americana vai ter seus contornos delineados com maior precisão apenas em fins dos anos 1970 quando, no Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP), em Lima (Peru), teóricos como Silvia Lane, Martin-Baró e Maritza Montero, de modo marginal acabam produzindo um congresso dentro do Congresso, centrados em preocupações provenientes da vida concreta dos homens e mulheres, dos sistemas sócio-institucionais e político-culturais próprios ao modo de viver e ser dos latino-americanos. Mas, este encontro deu-se como ápice de um processo em que a crítica social, histórica e epistemológica já não alcançava mais ser detida.

Para Torre (1995) o período que se segue a 1914 marca um distanciamento dos psicólogos latino-americanos entre si; separam-se de profissionais, cientistas e intelectuais de outras áreas mas, sobretudo, separam-se da cultura própria do Continente. Tal posição, segundo a autora, está na base da condição de dependência que a psicologia latino-americana desfruta em relação à psicologia produzida na Europa e nos Estados Unidos.

Essa dependência produz uma decadência da Psicologia no que toca a capacidade de fazer-se produtora de conhecimento oriundo de problematizações em torno do que de próprio pode ser apontado como latino-americano. O predomínio de uma Psicologia feita à base da reprodução acrítica de modelos teóricos e metodológicos constitui interessante problemática: como conferir validade a uma Psicologia que, por não produzir-se a partir da realidade mesma a que se refere como conhecimento, se pretende capaz de intermediar soluções aos problemas que são constituintes dessa realidade? A Psicanálise oferece um bom exemplo disso. Sua modelação feita em Paris, por exemplo, é capaz de alcançar e compreender e explicar um parisiense que nasce e vive na Rive Gauche. Entretanto, ao

deparar-se com a realidade das gentes que nascem e vivem no bilingüismo do Chaco, das gentes submetidas à miséria vinendo da passagem do trem na região sul da Bolívia, dos meninos e meninas que nascem e se fazem homens e mulheres sob os viadutos da cidade de São Paulo, sua compreensão, capacidade explicativa e alcance tornam-se frágeis.

Voltar nossa atenção sobre a Psicologia que na América Latina tem sido praticada – tanto em termos de produção teórica quanto de práticas diretas de intervenção na vida cotidiana - requer que atentemos para alguns problemas importantes que se desdobram da condição acrítica pela qual a Psicologia se realiza no Continente.

Desde a fronteira do Rio Bravo, no México, até a Patagônia, na Argentina, é possível constatar uma regularidade mimética nos processos teóricos, de operação de conceitos, intervenção da ciência e ação profissional da Psicologia. Tal condição, acrítica de saída, se apresenta como problema na medida em que a Psicologia, na condição de conhecimento reconhecido e validado, tem um caráter de auto-produção apenas nos países centrais, nos países dominantes do norte do mundo, em especial dos Estados Unidos da América do Norte.

Na base deste fenômeno imitativo, para Torre (1995), encontra-se uma crença, fortemente estabelecida, de que depois de 1945 são os EUA os grandes responsáveis pelo desenvolvimento da Psicologia na contemporaneidade. Também há a crença de que alguns modelos teóricos desenvolvidos a partir das realidades próprias do norte do mundo² são capazes de responder às problemáticas presentes em contextos históricos muito singulares como os experimentados na América Latina.

Não bastasse essa tal ordem de crenças, por muito tempo fez presença na América Latina a concepção de que ciência e ideologia constituem fenômenos mutuamente excludentes. Tal concepção faz irromper na Psicologia a convicção de que a neutralidade constitui-se como base de qualquer esforço que se pretenda científico. A condição de uma Psicologia realizada sob a ausência de criticidade, tal como a que foi feita na América Latina até meados dos anos 70 do século XX, está vinculada às determinações da condição de dependência e subordinação econômica desta área específica, às potências do Norte, sob a forma de uma espécie de *colonização reflexiva* dos profissionais a ela vinculados.

2 Como exemplo podemos apontar as pesquisas em Representações Sociais desenvolvidas na França e os modelos de intervenção sociocomunitários desenvolvidos EUA.

No termo da vida cotidiana em que a Psicologia é realizada como prática profissional e, portanto, como ação direta e concreta sobre a vida das pessoas, é possível encontrar uma série de desdobramentos oriundos dessa relação de dependência acrítica e colonizada. O processo de formação das novas gerações de psicólogos nas universidades latino-americanas constitui uma boa ilustração. Este processo encontra-se marcado por uma modelação que não é aquela requerida pela realidade das massas populares empobrecidas da América Latina.

Ao longo de sua formação acadêmica os estudantes de Psicologia devem cumprir períodos de estudos que variam entre quatro a cinco anos de estudos – dependendo da estruturação curricular de cada escola – que, de maneira geral, estão organizados em torno da área da psicoterapia, realizada no contexto da clínica. O arranjo destas escolas, no mais das vezes, implica na existência destacada, privilegiada, de um espaço referido como clínica-escola. Este é o lugar-nosso, criado e validado desde a instituição formadora, que por excelência vai intermediar o domínio do estado da arte daquilo que venha ser o fazer Psicologia. É preciso considerar, entretanto, que essas clínicas-escola acabam apresentando um problema que demarca outra face na condição de dependência imitativa pela qual a Psicologia se faz na América Latina: o predomínio do modelo médico: a prevalência da ideia de que a cura para um determinado estado de sofrimento se institui por meio de uma relação de autoridade que, no caso, sempre está nas mãos do médico e no interminável processo de regras ditados pelas instituições prestadoras dos serviços de atenção em saúde. Qual a problemática implícita na questão da reprodução acrítica dos modelos externos? Essa é uma questão relevante e que precisa ser pensada de maneira mais detida. Quem imita o faz porque não ousa criar e, na maior parte das vezes, porque criar foi, dentre todas, a possibilidade menos apontada durante o período formativo dos estudos iniciais de Psicologia. A reprodução acrítica se torna o caminho mais rápido e mais fácil pelo qual se atinge a possibilidade do reconhecimento não só da condição do exercício profissional mas, e talvez principalmente, do lugar de quem pensa e propõe as teorias que sustentam o campo do exercício profissional.

Daí a importância do desassossegar os fazedores/propositores da Psicologia dessa condição de passividade e daí, também, que se estabelece com clareza a ideia de que não é fácil fazer Psicologia Latino-Americana para latino-americanos. Isto porque é preciso um processo de libertação de nossos sistemas de referenciamento, de nossos modos de

pensar e operar a realidade que escravizam nossa forma de manifestar o pensamento, que nos impedem de mudar a realidade e, com isso, nos impedem de pôr na História a nossa marca criativa, propositiva e fazedora de vida.

Paralelo a essa condição limitante da reprodução acrítica do predomínio do modelo médico e da racionalidade positiva, é possível encontrar uma diversidade de processos se desdobrando nas práticas cotidianas de psicólogos e professores de Psicologia latino-americanos. Tais processos vêm demonstrando que é possível superar fatores limitantes como o exposto, por exemplo, por categorias conceituais elaboradas alhures, incompatíveis com as necessidades das pessoas com as quais se está trabalhando.

A questão da incorporação acrítica está dada na formação dos psicólogos na América Latina não porque não se pode prover um novo conhecimento, mas porque o conhecimento que se produziu pelo acúmulo histórico da profissão e da ciência psicológica no Continente, se instaurou a partir de um campo de relações delimitado pela lógica da subserviência econômica, política e cultural do Continente Latino-Americano em relação ao que se faz nos EUA, na França, na Inglaterra, na Espanha, apenas para citar alguns exemplos.

É possível verificar que, de modo geral, a produção do conhecimento psicológico na América Latina foi marcada, até a chegada dos anos 1970, por uma atitude na qual predominou a submissão à modelação externa e uma racionalidade de caráter positivo.

Tal modo de fazer Psicologia institui que o *outro* é pensado, no mais das vezes, na condição do portador do sofrimento; e o sofrimento, em termos de sua origem e cessação, é condição daquele que sofre. Em paralelo - não como objeto de contradição e superação da verdade estabelecida, mas como outra verdade inteira - é possível verificar que a superação do sofrimento, enquanto intermediação teórica, técnica e política, está nas mãos de um alguém que, por sua vez, é inteira e exclusivamente o que é responsável pelo rumo do processo de cura. O aniquilamento produzido por este tipo de racionalidade anula a condição de autonomia dos seres humanos e, nisso, finda o estatuto fundamental da condição humana que é a liberdade. A Psicologia, desse modo, passa à condição de um instrumento a mais na sustentação de um modelo de sociedade individualista, competitiva e desoladora. Tal modelo de sociedade tem mostrado que a não socialização dos meios materiais necessários à superação dos limites humanos, precisa ser enfrentada a partir de duas premissas.

A primeira destas premissas diz respeito a uma clara opção de classe, em que os marginalizados³ e seu modo de viver constituam o horizonte dessa opção. Já a segunda, diz respeito ao modo novo e criativo pelo qual os psicólogos latino-americanos precisarão se mover se quiserem com isso dar provimento a uma opção de classe centralizada na condição de existir dos marginalizados.

Abandonar a faticidade de uma Psicologia marcada pela reprodução acrítica de processos teórico-metodológicos, pelo predomínio da racionalidade positiva, pela lógica de submissão, e caminhar rumo a uma Psicologia criativa, implicará uma postura crítica constante; requererá que se assuma uma opção na qual seja possível dizer e agir - sem medo ou pudores conservacionistas do *status quo* acadêmico e profissional - que nós temos sim, hoje na América Latina, outra forma de fazer Psicologia. Uma forma de fazer Psicologia que, na condição histórica presente, pode ser reconhecida como militante. Militante das mudanças que precisam ser operadas no mundo e militante de si própria, na condição de um corpo de conhecimentos novo e produtivo, capaz de responder às questões desafiadoras que despontam neste tempo latino-americano.

É necessário compreender que o militante dessa Psicologia implica em ter uma relação com a ideia corrente que existe no que se refere ao militante de movimentos sociais como a dos cocaleiros na Bolívia, dos Sem Terra no Brasil, das Forças Armadas Revolucionárias (FARC) e do Exército de Libertação Nacional (ELN), da Colômbia. O que está em cena é, de fato, uma disputa dura e violenta, para referendar que tipo de conhecimento deve se estabelecer como mediador à superação das terríveis condições de desigualdade presentes na América Latina.

Ser capaz de *levantar a bandeira* - tomando por empréstimo as palavras de Neruda⁴ - assumindo a causa e mostrando com nossos outros olhos que o conhecimento psicológico que está aí não responde às necessidades do povo latino-americano é

3 Neste trabalho o termo marginalizado se refere àquele sujeito que foi empurrado para a margem do processo de uso/proveito das riquezas socialmente produzidas. Diz respeito aos milhões de seres humanos que, no processo de desenvolvimento da sociedade capitalista, vêm sendo expurgados dos fundamentos de sua condição humana.

4 Referência ao seguinte verso do poema ‘Vamos Ver: Chamei minha tribo’, de Pablo Neruda: “*Vamos ver, chamei minha tribo e disse: vamos ver quem somos, que fazemos, que pensamos. O mais pálido deles, de nós ,me respondeu com outros olhos, com outra sem-razão, com sua bandeira. Esse era o pavilhão do inimigo. Aquele homem, talvez, tinha direito a matar minha verdade (...) Mas sofri como se me mordessem.*”

militância. Uma militância que implica a ação política de disputa de espaço, inclusive. Dois exemplos podem auxiliar na compreensão dessa ideia de militância.

O primeiro refere-se à dificuldade que se tem dentro do campo de formulação e organização do pensamento psicológico latino-americano, a compreensão que Silvia Lane nos fazia chegar já em inícios dos anos 80 do século XX, de que toda a Psicologia é social. Uma frase diminuta que estabelece com propriedade assustadora uma verdade extremamente complexa, com a necessidade de ser analisada de maneira que a crítica sobre a organização do campo de conhecimentos da Psicologia, para além da necessária coerência teórica, conceitual e metodológica, alcance sentido mediador das urgências históricas enfrentadas pelos povos da América Latina.

O segundo exemplo refere-se ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC/SP. Sua criação em 1972 pode ser compreendida como um ato de ousadia se tomarmos em questão que, neste tempo, vigorou em esplendor e grandeza toda arbitrariedade e truculência da ditadura militar brasileira. O pioneirismo do Programa criado por Aniela Ginsberg e Silvia Lane não está relacionado apenas ao fato do mesmo ter sido o primeiro programa de pós-graduação em Psicologia, do Brasil, a existir fora de uma universidade estatal. Sua originalidade fundamental, seu pioneirismo, residiu na constituição de um programa de estudos em Psicologia que tomou, na condição de condutor de seu fazer, a perspectiva de uma Psicologia a ser desenvolvida a partir das dimensões sociais/coletivas que constituem o indivíduo.

Em um contexto político de perseguição, tortura e morte - tal como foi a ditadura militar brasileira na primeira metade da década de 1970 - eleger a dimensão social como aquela pela qual a Psicologia iria ser estudada, pesquisada, aprofundada, indica um processo de militância política e social, acadêmica e científica que se tornou decisivo na produção de uma nova história para a Psicologia na América Latina.

Arriscamos inferir como possível - a partir do exemplo da criação do PEPGPSO - dizer que se o nome não está, a memória se esvai; reafirmar que a condição humana está diretamente relacionada à ontológica condição de dizer das coisas do mundo; de desvelar aquilo que faz do mundo, onde o fetiche da mercadoria se torna uma verdade maior do que os seres humanos que a constroem na condição de riqueza.

Em específico, no contexto latino-americano de produção da Psicologia Social, importante registrar que a compreensão histórica do que se sucede no Continente, possui

uma relação de similaridade entre os países e, nisso, os que se empenham em compreender partes de tais realidades – a um tempo específica de um país e semelhante a todos os outros – vivem no que Ianni (s/d) refere como “(...) movimento pendular interminável entre o realista e o amargo, a decepção e o ilusório, o histórico e o ideológico.” Por certo que a produção de um conhecimento próprio de Psicologia Social, na América Latina, possuirá as evidências de um modo de pensar, conforme Ianni, tomado de características barrocas e mágicas; caracterizado pela mescla dos modos de pensar indo-americano, afro-americano, ibérico e ocidental. Desde aí, o que se inicia a constituir é uma Psicologia Social tão multifacetada quanto o são a cultura e a história da América Latina.

Referências

IANNI, Otávio. *Enigmas do pensamento latino-americano*. São Paulo: IEA/USP, s/d. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/textos/iannienigmas.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2012.

TORRE, Carolina de la. *Psicología Latinoamericana: entre la dependencia y la identidad*. Ciudad de la Habana: Felix Varela, 1995.